



ISSN: 1984-6266

Educação financeira: análise do conhecimento e atitudes financeiras na ótica dos estudantes do ensino médio

Patrick da Silva Sobianek

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
patricksobianek@gmail.com

Larissa Vaz de Costa Barrocas

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
laarisvaz@gmail.com

Tamires Sousa Araújo

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
tamires.sousa@ufms.br

Silvio Paula Ribeiro

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
spribeiro@hotmail.com

Sirlei Tonello Tisott

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
sirlei.tonello@yahoo.com.br

Recebimento:

20/01/2021

Aprovação:

19/04/2021

Editor responsável pela aprovação do artigo:

Dra. Nayane Thais Krespi Musial

Editor responsável pela edição do artigo:

Dra. Luciana Klein

Avaliado pelo sistema:

Double Blind Review

A reprodução dos artigos, total ou parcial, pode ser feita desde que citada a fonte.

Resumo

Visto os altos índices de endividamento, desconhecimento e atitudes inadequadas remetem a necessidade de ampliar as discussões sobre educação financeira. O presente estudo tem o objetivo de investigar o conhecimento e atitudes financeiras na ótica dos estudantes do ensino médio quanto a sua educação financeira. Foram coletadas 616 respostas por meio de um questionário aplicado aos alunos do ensino médio de escolas públicas e privadas situadas no interior dos estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo. Na análise dos dados adotou-se a média para os resultados descritivos e no intuito de identificar diferenças entre os aspectos individuais, demográficos e de socialização sobre a educação financeira, foram aplicados os testes de Kruskal-Wallis e qui-quadrado. Os achados revelam que os estudantes: priorizam gastar mais com itens de menor relevância (presentes, computador, eletrônicos, livros e celular), costumam conversar com familiares assuntos relacionados a estudos e carreiras, mas tendem a achar menos importante os gastos com estudos. Os resultados também apontam que a variável 'como decido o que fazer com meu dinheiro' é significativa em relação ao gênero, período de estudo, estado civil e ganhos financeiros. Os achados sugerem que há ausência de



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CONTABILIDADE
MESTRADO E DOUTORADO

DOI:

<http://dx.doi.org/10.5380/rcc.v13i3.78965>

uma formação curricular. Diante disso, é importante o parecer do Conselho Nacional de Educação, homologado pelo MEC, que diz que as escolas devem estar adaptadas, já em 2020, para a implementação do ensino sobre finanças, o que pode contribuir com a formação de adolescentes emancipados em relação a finanças.

Palavras-chave: Educação financeira, Estudante do ensino médio, Finanças pessoais.

FINANCIAL EDUCATION: analysis of knowledge and financial attitudes from the perspective of high school students.

ABSTRACT

In view of the high levels of indebtedness, ignorance and inadequate attitudes, there is a need to expand discussions on financial education. This study aims to investigate the knowledge and financial attitudes from the perspective of high school students regarding their financial education. 616 responses were collected through a questionnaire applied to high school students from public and private schools located in the interior of the states of Mato Grosso do Sul and São Paulo. In the data analysis, the mean for the descriptive results was adopted and in order to identify differences between the individual, demographic and socialization aspects about financial education, the Kruskal-Wallis and chi-square tests were applied. The findings reveal that students: prioritize spending more on items of lesser relevance (gifts, computers, electronics, books and cell phones), usually talk to family members about subjects related to studies and careers, but tend to find spending on studies less important. The results also show that the variable 'how I decide what to do with my money' is significant in relation to gender, period of study, marital status and financial gains. The findings suggest that there is no curriculum formation. Given this, it is important the opinion of the National Education Council, approved by the MEC, which says that schools should be adapted, already in 2020, for the implementation of education on finance, which can contribute to the formation of emancipated teenagers in relation to finances.

Keywords: Financial education; High school student; Personal finances.

1 Introdução

O estudo da educação do mundo, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), apontou que o Brasil ocupa a 57ª posição no *ranking* e que tem baixa proficiência em leitura, matemática e ciências quando comparado com outros 78 países (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [Inep], 2019). Esse resultado evidencia um grande obstáculo, visto que dificulta que estudantes evoluam nos estudos, tenham melhores oportunidades no mercado de trabalho e saibam gerir com consciência os produtos financeiros expostos no mercado.

No que se refere ao desempenho dos estudantes brasileiros por estado, os dados do Pisa indicam que o estado de São Paulo ficou em 6º e Mato Grosso do Sul está em 12º lugar (Organisation for Economic Cooperation and Development [OECD], 2015). Cabe salientar que, nesse estudo do Pisa, nenhum estado ou região brasileira ficou acima da média estabelecida pela OECD. Uma nova pesquisa, levantada, apenas, pelo governo do estado do Mato Grosso do Sul (Obando, 2019), aponta que o estado subiu para a nona colocação no *ranking*.

A Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) com apoio do Datafolha, em 2020, realizou uma pesquisa que mostrou que 62% da população brasileira não conseguiu

economizar dinheiro no ano de 2019 e que entrou no ano seguinte sem qualquer reserva financeira para algum tipo de emergência (Anbima, 2020). Pode-se salientar que o Brasil precisa de maior engajamento em relação a educação financeira, pois sua aplicação ajudaria os indivíduos a planejar seus gastos.

O baixo entendimento matemático dos estudantes e a falta de reserva financeira refletem nas vidas das pessoas das novas gerações, visto que com o desenvolvimento da economia e com a globalização, elas ficaram sujeitas a um mundo financeiro muito mais complexo que o das gerações anteriores, um mundo que as forcem a usufruírem dos produtos e serviços disponíveis no mercado (Greenspan, 2005). Para tal mundo financeiro complexo, possuir planejamento financeiro tem sua importância, pois por meio dele é possível realizar ações como ter: casa própria, automóvel, fazer viagens, investir em estudos, ter maior segurança financeira, entre outros.

Com a relevância do planejamento financeiro e do cuidado com as finanças pessoais, iniciou-se uma discussão na literatura sobre o tema. Cerbasi (2015), no seu livro “Como organizar sua vida financeira”, ensina a mensurar o que ele chama de “Patrimônio mínimo de sobrevivência”, que é uma reserva para reorganizar sua vida em caso de desemprego, doença ou falência do próprio negócio. Essa reserva de emergência pode ser muito útil em momentos de crises, recessões e em cenários de incertezas que movimentarão mercados financeiros e, conseqüentemente, refletirão em diversos setores. Segundo Oreiro (2020), o cenário projetado é de crise no Brasil, com elevada taxa de desemprego após a pandemia causada pelo COVID-19.

No que tange a educação financeira, ela pode ser concebida como uma ferramenta importante para mitigar um padrão de endividamento, que pode ser adquirido ou herdado. A educação financeira pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades para um planejamento financeiro e melhor controle emocional em diversas situações, como a escolha de poupar ao invés de fazer uma compra impulsiva motivado por fatores internos ou externos (Melo & Moreira, 2020). Por falta de educação financeira o nível de endividamento entre os jovens é considerado elevado (Silva; Vieira & Faia, 2012; Jakitas, 2019).

Nesse sentido, esta pesquisa tem o seguinte questionamento: qual o conhecimento e atitudes financeiras na ótica dos estudantes do ensino médio quanto a sua educação financeira? O presente estudo tem o objetivo de investigar o conhecimento e atitudes financeiras na ótica dos estudantes do ensino médio quanto a sua educação financeira.

Este estudo pode contribuir para a construção do aprendizado dos alunos de ensino médio ao evidenciar a importância de se inserir na grade curricular assuntos relacionados à educação financeira. Desta forma, ações podem ser tomadas para minimizar as consequências geradas pela falta de educação financeira. Os resultados desta pesquisa podem contribuir para uma visão sistêmica da atual situação da educação financeira dos alunos de ensino médio das cidades investigadas, para reforçar a importância de investimentos em projetos que visem promover a educação financeira, além de proporcionar uma visão das lacunas em educação financeira, com as quais esses estudantes podem chegar aos cursos de graduação, entre eles, os cursos das áreas de exatas e ciências sociais (Gorla, Dal Magro, Silva & Nakamura, 2016; Silva, Leal & Araújo, 2018).

Economicamente, este estudo justifica-se pelo alto nível de endividamento entre os jovens, conforme (Silva; Vieira & Faia, 2012; Jakitas, 2019). Pesquisar, socialmente, justifica-se pelo visto que o endividamento tem trazido danos à saúde das pessoas (Clayton, Zegarra & Wilson, 2015), inclusive, conforme (Clayton, Zegarra & Wilson, 2015) o endividamento contribuir com a deterioração da saúde psicológica, desenvolve ansiedade, pode levar a obesidade e problemas com álcool. E a OECD (2005) em termos práticos recomenda a educação financeira aos jovens, que estão ainda na escola.

2 Referencial Teórico

2.1 Educação financeira

No Brasil, sobretudo no século XIX, o surgimento do capitalismo financeiro desencadeou a necessidade de assuntos que são essenciais até hoje, um exemplo disto é a educação financeira. Segundo Araújo e Calife (2014), no ano de 1990, o tema educação financeira era direcionado a dicas de investimento, produtos do mercado financeiro, ações, títulos negociáveis, e eram voltadas para aquelas pessoas que já possuíam recursos disponíveis ou conhecimento prévio do assunto. O avanço da sociedade com adoções de leis do mercado, o aumento do poder de compra da população e o seu interesse por bens de consumo mudaram a forma como diferentes classes sociais lidam com o dinheiro (Arancibia, 2010).

O termo 'educação financeira' começou a ser utilizado com mais frequência e estudado por diversos autores devido aos avanços sociais. Greenspan (2005, p. 64) explica que:

Com o desenvolvimento da economia capitalista as pessoas ficaram sujeitas a um mundo financeiro muito mais complexo que o das gerações anteriores, forçando as pessoas a desenvolverem a capacidade de distinguir entre os produtos e serviços disponíveis no mercado, quais os que realmente necessitam e o que irá colaborar para boa saúde financeira pessoal. Claro que esse desenvolvimento não é de todo ruim para o consumidor.

O aumento da economia e a inserção dos jovens no mercado de trabalho sem um conhecimento prévio sobre educação financeira desencadearam um levantamento no índice de endividamento desses jovens (CAPRONI, 2013). Caproni (2013, p. 1) aborda que “o endividamento da população brasileira tem atingido patamares altíssimos e desencadeado sérias consequências no âmbito familiar e profissional. Inevitavelmente, os problemas financeiros interferem na produtividade e nas relações interpessoais”.

De acordo com o estudo de Silva, Vieira e Faia (2012), quanto menor a faixa etária, maior o nível de endividamento. Dados coletados pela revista Estadão (Jakitas, 2019) apontam que 50,2 % dos jovens entre 18 a 24 anos já tiverem ou tem o nome sujo, isto está associado ao descontrole com as finanças pessoais e a falta de informação sobre o assunto.

A educação financeira é uma ferramenta para o comportamento adequado em relação ao uso do dinheiro e se torna necessária para um melhor desenvolvimento financeiro. Esse tipo de educação possibilita que o indivíduo aprenda a poupar ao invés de contrair dívidas, pois ele passa a ter conhecimentos sobre taxa de juros e aplicações, valor presente do dinheiro, poder de compra, poupança, custo de oportunidade, inflação unida a conhecimentos sobre hábitos e comportamentos que influenciam suas escolhas na hora de tomar decisões financeiras (Claudino, Nunes, Oliveira & Campos, 2009).

É importante entender esses diversos conceitos para que decisões sejam tomadas de forma mais adequada, consciente e de maneira não prejudicial. Pinto e Lara (2011, p. 5) afirmam que “sentimentos diversos como prazer, emoção, alegria, raiva, frustração, reconhecimento, tédio, entre diversos outros, não derivam exclusivamente do ato de compra, mas do fato de que comprar pode ser uma forma de socialização”.

É relevante que os jovens aprendam não somente ganhar dinheiro, mas também a administrá-lo. Em um mundo de numerosos e variados produtos financeiro, todos devem estar preparados para tomar decisões mais complexas (Lucci, Zerrenner, Verrone & Santos, 2006).

A questão do status permeia a vida do educando, uma vez que na escola, na vida social, meninos e meninas são expostos diariamente aos apelos midiáticos anunciando produtos de diferentes marcas e afins, sempre visando despertar no público jovem a falsa necessidade de

aquisição e a ideia de ter ou usar de determinado produto possa modificar suas vidas, tornando-os mais belos e aceitos pelos demais membros da sociedade. Essa incessante busca conduz ao endividamento dos jovens, dos adultos, das famílias e da sociedade como um todo e desencadeia efeitos negativos na vida do cidadão (Caproni, 2013, p. 2).

Uma vida financeira em equilíbrio é importante em diversos aspectos para o indivíduo que convive em sociedade. Uma educação financeira adequada permite que tal indivíduo tenha conhecimento sobre algumas situações e comportamentos como: descontrole dos gastos, problemas de saúde e salário atrasado, que podem levar ao endividamento. Segundo estudos, o endividamento tem correlação com a deterioração da saúde psicológica, desenvolve ansiedade, pode levar a obesidade e problemas com álcool (Clayton, Zegarra & Wilson, 2015).

Gathergood (2012) declara que o contexto familiar pode ser afetado por dívidas domésticas. No Brasil, o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC, 2015) levantou que inadimplência gera sofrimento emocional, dificuldade em se relacionar com os outros, insônia, queda na autoestima, alterações do apetite, infelicidade, irritação, perda de produtividade no trabalho, medo de atender ao telefone e vergonha de sua condição atual.

A OECD (2005) define o termo 'educação financeira' como o processo no qual as pessoas apuram sua concepção diante de conceitos financeiros, evoluem seu senso crítico, desenvolvem suas habilidades e adquirem confiança para tomar decisões arriscadas, melhorando, assim, seus bem-estares. A OECD (2005) também destaca que a educação financeira deve começar a ser ensinada nas escolas, pois a sociedade deve ser educada sobre questões financeiras o mais cedo possível.

Logo, educação financeira pode ser compreendida como o conjunto de habilidades e técnicas que auxiliam o indivíduo a ser mais consciente e responsável em relação aos seus ganhos (Savoia, Saito & Santana, 2007).

Potrich, Vieira e Kirch (2015) ao investigarem as influências de variáveis socioeconômicas e demográficas no que tange a alfabetização financeira dos indivíduos, perceberam a necessidade de desenvolvimento de ações que minimizem o problema do analfabetismo financeiro no Brasil, visto que os resultados do estudo indicam que a maioria dos pesquisados são classificados com um baixo nível de alfabetização financeira. Tal ação pode ser útil para auxiliar a tomada de decisão no ramo empresarial e governamental.

Para Hung, Parker e Yoong (2009), diversos pesquisadores falham em distinguir alfabetização financeira de educação financeira. Os autores explicam que:

Uma grande parte desse debate pode estar ligada ao fato de que continua a existir uma grande variação na forma como os próprios pesquisadores definem e medem a alfabetização financeira. Pesquisas anteriores que são propositalmente projetadas para medir a alfabetização (como a Washington Financial Literacy Survey, a JumpStart Coalition Survey, ou o módulo Survey of Consumer Finances 2001) raramente também coletam informações suficientemente detalhada sobre a educação financeira dos indivíduos e variáveis relacionadas a tomada de decisões financeiras (Hung et al., 2009, p. 5).

A educação financeira ensina sobre o dinheiro e suas aplicações práticas, como operações com juros, aplicações financeiras, valor presente do dinheiro e consumo consciente. Já a alfabetização financeira vai além da educação financeira, ela possui três variáveis: conhecimento financeiro, atitude financeira e comportamento financeiro (Hung et al., 2009). O conhecimento financeiro segundo Huston (2010) é a utilização da educação financeira para gerir as finanças do dia a dia. As atitudes financeiras podem ser compreendidas como crenças econômicas nas escolhas de um indivíduo a tomar decisão (AJZEN, 1991). Já o comportamento financeiro é

como a pessoa controla seu dinheiro, se há planejamento para realizar gastos ou poupar (HUSTON, 2010). Entende-se que a educação financeira faz parte da alfabetização financeira, a presente pesquisa tem um foco na educação financeira, formada pelo conhecimento financeiro como abordado por Gorla et al. (2016).

Décadas de uma inflação instável com oscilações diárias e mudanças de moeda moldaram a sociedade brasileira. Segundo Savoia et al. (2007), o curto-prazismo era uma característica dominante nas decisões financeiras, na qual os indivíduos preferiam bens reais priorizando o consumo, o que, conseqüentemente, acarretou em baixo nível de poupança. Isso acontecia por não ser possível saber o que esperar dos preços de diversos bens e serviços. Leitão (2011, p. 68) discorre que “a crônica daqueles anos é repleta de insólitos, foi o tempo em que a economia enlouqueceu, a inflação estava indo dos 40% ao mês para 55% ao mês, no final de 1989, em março de 1990 chegaria aos famosos 83%”. Em uma economia instável, devido à inflação, qualquer planejamento financeiro tinha resultados ociosos (D’Aquino, 2008).

Os reflexos dessa instabilidade econômica estão presentes na sociedade atual. Manfredini (2007) explicita que a família tem um papel importante na transmissão de conhecimentos financeiros, pois ela transmite às gerações a forma como o dinheiro é administrado e constrói padrões. Sendo assim, é importante observar como os adultos que vivenciaram esse período carregam cicatrizes e desconfiam do dinheiro, assombrados pelo medo da volta à instabilidade (D’Aquino, 2008).

D’Aquino (2008, p. 9) apresenta que uma “segunda consequência herdada do período da inflação foi à ausência de uma educação financeira sólida em nossa formação. E, como não aprendemos, precisamos agora esforçar-nos em dobro para ensiná-los a nossos filhos”. Lusardi, Mitchell e Curto (2010) explicam que a educação financeira melhora o conhecimento financeiro dos indivíduos e que o ideal é que a ela seja ofertada aos jovens antes que eles se envolvam no mundo financeiro e antes de começarem a tomar decisões financeiras.

Nesse sentido, a escola tem o papel fundamental ao servir de apoio para transformar o modelo atual de sociedade ao auxiliar os indivíduos na aquisição de noções ou na complementação dos conhecimentos já adquiridos sobre educação financeira (Dal Magro, Gorla, Silva & Hein, 2018). Pereira, Feitosa, Silvério e Sousa (2009, p. 14) complementam que:

Tanto é verdade que, caso aconteça de uma criança ter em casa pais que não sabem lidar com dinheiro; esta não será influenciada tão brutalmente, pois a escola também pôde contribuir ao lhe esclarecer sobre questões financeiras, o que embora não garante atitudes futuras corretas, com relação ao dinheiro, garanta sim um aprendizado que não poderá ser ignorado.

No Brasil, a inclusão da educação financeira na agenda escolar é uma questão de necessidade social, pois possibilitará que os alunos reflitam sobre seus problemas financeiros e planejem seus futuros (Kern, 2009). As escolas têm um papel importante na formação dos jovens, porém uma parte mínima tem se preocupado em incluir ações no dia a dia (Kern, 2009).

Segundo Martins (2004), a omissão da escola em relação às noções de comércio, economia, impostos e finanças pessoais trazem conseqüências ruins para os futuros adultos, pois a maioria deles continuam ignorando esses assuntos e seguem suas vidas sem habilidades para lidar com dinheiro. Kiyosaki e Lechter (2000, p. 14) asseveram que as escolas não ensinam sobre dinheiro, elas “se concentram nas habilidades acadêmicas e profissionais, mas não nas habilidades financeiras. Isso explica por que médicos, gerentes de banco e contadores inteligentes que tiveram ótimas notas quando estudantes terão problemas financeiros durante toda sua vida”.

Em sua pesquisa, Kern (2009, p. 114) afirma que “a inclusão de Educação Financeira na escola pública demanda um longo trabalho de análise das necessidades básicas de cada realidade. De acordo com o Governo Brasileiro, é uma ferramenta de inclusão social”. Tendo em vista essa questão, o Governo Federal, por meio do decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010, instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) com a finalidade de promover a educação financeira e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes (Decreto n. 7.397, 2010).

Sandra Tiné, presidente do grupo de apoio pedagógico do Comitê Nacional de Educação Financeira (Conef) e assessora técnica da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC, 2018), em entrevista para a TV MEC, afirmou que o decreto nº 7.397 “é importante para que a gente consiga levar essa temática a todas as pessoas da população, particularmente, nas escolas”. Sandra Tiné também afirmou que “um país que não poupa dificilmente é um país que cresce, precisamos ter um país que aprenda a poupar, que entenda a trabalhar o seu dinheiro” (MEC, 2018).

Assim, falar sobre educação financeira é uma forma de planejar os jovens para o futuro. Estudiosos, em pesquisas anteriores, buscaram relacionar o tema educação financeira com alunos do ensino fundamental até a faculdade. Atkinson e Messy (2011) realizam um estudo com objetivo de analisar a inclusão da educação financeira no ambiente escolar. Os resultados indicam que os baixos níveis de renda estão associados com menores níveis de alfabetização financeira. Os indivíduos de baixa renda podem enfrentar maiores dificuldades no acesso à educação, enquanto que os indivíduos com maiores níveis de educação financeira são os que possuem maiores níveis de escolaridade, logo, indivíduos com maior nível de conhecimento financeiro têm maior capacidade de realizar orçamento pessoal.

Já a pesquisa de Gorla et al. (2016) teve o intuito de analisar o nível da educação financeira dos estudantes de rede pública, segundo os aspectos demográfico e de socialização, obteve 4.698 alunos respostas. Os resultados indicam que os alunos com mais renda, apresentam maior nível de educação financeira, portanto, é necessário abordar tal tema nas escolas. Os achados também apontam que grande parte dos jovens guarda parte dos seus recursos, mas sem planos para o futuro.

Para Simeão, Santos e Ferreira (2011) tratar o a educação financeira nas escolas é relevante para dar suporte a futuros consumidores de créditos. Em que seus achados apresentam que mais de 30% dos alunos estudantes de ensino médio investigados nunca ouviram a respeito do tema “educação financeira” e a outra parte considerável não possuem conhecimento, e que os estudantes que sabem sobre o tema, aprenderam em casa com os pais.

Vieira et al. (2014) investigaram 810 estudantes de ensino médio quanto o seu nível de alfabetização financeira. Os achados apontam que tais estudantes possuem um comportamento financeiro positivo, mas abaixo do ideal, sendo que os principais meios de acesso a informações financeiras são internet, revistas especializadas ou folhetos informáticos e televisão. Teixeira et al (2010) analisaram estudantes de ensino médio e sua educação financeira, os achados apontam que 71% sabem da importância da educação financeira, mas 46% não conseguem poupar dinheiro.

Visto as pesquisas realizadas com alunos do ensino básico, e que seus resultados apontam um baixo desempenho e conhecimento dos alunos quanto a educação financeira e seus conhecimentos, é necessário a aplicação do tema na grade curricular do ensino básico para suprir as deficiências dos estudantes. É necessário o desenvolvimento de ações efetivas para minimizar o problema do analfabetismo financeiro.

3 Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa é de cunho descritivo. Koh e Owen (2000) definem que a pesquisa descritiva é um estudo de status bastante utilizado na educação, sua abordagem permite que problemas possam ser resolvidos e práticas melhoradas por meio da análise dos dados. Os métodos mais utilizados para análise de dados são: questionários, entrevistas, estudos transversais e longitudinais (Koh & Owen, 2000).

Quanto à abordagem do problema de pesquisa, esta é de natureza quantitativa e fez uso de tratamento estatístico dos dados coletados. O levantamento foi realizado por meio da aplicação de um questionário adaptado dos autores Gorla et al. (2016). A população da pesquisa é composta por todos os alunos matriculados no ensino médio de cinco escolas, sendo: três escolas públicas e uma privada do interior do estado de Mato Grosso do Sul, e uma escola pública do interior do estado de São Paulo. O acesso para aplicação da pesquisa foi obtido por meio de um projeto de extensão, mediante uma carta de apoio da secretaria de educação do estado de Mato Grosso do Sul e apoio das próprias coordenações das escolas visitadas. A amostra contabilizada foi de 616 respondentes.

O instrumento de pesquisa primeiramente foi composto por dez questões de aspectos individuais, demográficos e de socialização dos estudantes e dez questões relativas à educação financeira, que buscaram obter informações sobre: a forma como os estudantes administram os recursos financeiros; a responsabilidade em apresentar relatórios financeiros para os pais; a prioridade de gastos mensais; o diálogo na hora de decidir sobre a compra de um produto; a frequência com que conversam sobre dinheiro com os pais; os assuntos financeiros que são questionados na família; como avalia seu nível de conhecimento financeiro; como adquiriu seu conhecimento financeiro (caso tenha algum); o perfil financeiro; e como decide o que fazer com o seu dinheiro. Os respondentes, diante das afirmativas apresentadas no questionário, deveriam considerar a situação, diante de uma escala Likert de cinco pontos, escala mínima (1) e máxima (5).

A aplicação dos questionários foi feita in loco durante o segundo semestre do ano de 2019. As respostas dos questionários foram transcritas para uma planilha do Excel de modo a permitir que os dados fossem tabulados. Posteriormente, o software SPSS foi utilizado para o correto tratamento estatístico dos dados. Na análise dos dados adotou-se a média para os resultados descritivos e, em seguida, com o intuito de identificar diferenças entre os aspectos individuais, demográficos e de socialização sobre a educação financeira, foram aplicados os testes de Kruskal-Wallis, pelo fato da amostra não ser paramétrica, e o teste qui-quadrado.

O teste de Kruskal-Wallis foi aplicado com os aspectos individuais, demográficos e de socialização na respectiva ordem: ano do ensino médio; período que estuda; gênero; estado civil; renda média mensal da família; ganhos financeiros do estudante; e recebimento de algum valor financeiro da família. As questões de educação financeira seguiram a seguinte ordem: forma de administrar os recursos financeiros; responsabilidade de apresentar relatórios financeiros; diálogo na hora de decidir a compra de algum produto; frequência que conversa com os pais sobre dinheiro; quais assuntos financeiros mais questionados na família; como o estudante considera seu nível de conhecimento financeiro; caso tenha algum conhecimento, como o adquiriu; perfil financeiro; e como decide o que fazer com o seu dinheiro.

De acordo com Marôco (2018), o teste de Kruskal-Wallis não evidencia em quais métodos as distribuições da satisfação diferem significativamente, para identificar em quais grupos a distribuição são significativamente diferentes é necessário proceder à comparação múltipla. Beigelman (1996, p. 88) explica que o teste qui-quadrado “é utilizado para verificar se a frequência com que um determinado acontecimento observado em uma amostra se desvia significativamente ou não da frequência com que ele é esperado”.

Contudo, as variáveis investigadas para buscar o conhecimento e atitudes financeiras na ótica dos estudantes do ensino médio quanto a sua educação financeira foram as prioridades de gastos; perfil financeiro; como adquiriu conhecimento financeiro; e identificar a existência de diferença no nível de educação financeira segundo as variáveis de aspectos individuais, demográficos e de socialização.

4 Análise e Discussão dos Resultados

Inicialmente, apresenta-se o perfil dos respondentes no momento da coleta dos dados. A amostra foi composta por 616 respondentes, conforme demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1: Perfil dos respondentes

Perfil dos respondentes	Variáveis do estudo	Total	%
		616	100,0%
Gênero	Feminino	320	51,95%
	Masculino	287	46,59%
	Não desejo informar	9	1,46%
Idade	14 anos	1	0,16%
	15 anos	80	12,99%
	16 anos	167	27,11%
	17 anos	256	41,56%
	18 a 21 anos	101	16,40%
	22 a 28 anos	4	0,65%
	Em branco	7	1,13%
Estado civil	Solteiro	439	71,27%
	Namorando	145	23,54%
	Noivo	3	0,49%
	Casado	12	1,95%
	Outros	9	1,46%
	Em branco	8	1,30%
Ano do ensino médio	1º ano	206	33,44%
	2º ano	165	26,79%
	3º ano	245	39,77%
Período	Matutino	568	92,21%
	Vespertino	29	4,71%
	Noturno	18	2,92%
	Em branco	1	0,16%
Número de pessoas que compõem a família	Uma	4	0,65%
	Duas	38	6,17%
	Três	127	20,62%
	Quatro	216	35,06%
	Cinco ou mais	228	37,01%
	Em branco	3	0,49%
Renda média mensal familiar	1 salário mínimo	95	15,42%
	Entre 1 e 3 salários mínimos	272	44,16%
	Entre 3 e 5 salários mínimos	137	22,24%
	Entre 5 e 7 salários mínimos	58	9,42%
	Acima de 7 salários mínimos	38	6,17%
	Em branco	16	2,59%
Meus ganhos financeiros	Tenho salário	80	12,99%
	Tenho salário e ajuda minha família	86	13,96%
	Mesmo tendo salário, recebo ajuda financeira da família	19	3,08%
	Não tenho salário e nem recebo ajuda financeira da família	111	18,02%
	Não tenho salário, mas recebo ajuda financeira da família	312	50,65%

Educação financeira: análise do conhecimento e atitudes financeiras na ótica dos estudantes do ensino médio

	Em branco	8	1,30%
	Não recebo	165	26,79%
	Recebo quando peço	273	44,32%
Recebo algum valor financeiro por parte da família	Até R\$50	39	6,33%
	Entre R\$50 a R\$100	64	10,39%
	Acima de R\$100	72	11,69%
	Em branco	3	0,49%
Em relação à forma de administrar meus recursos financeiros	Guardo parte dos recursos, porém sem planos futuros	116	18,83%
	Guardo dinheiro somente quando sobra	170	27,60%
	Guardo uma parte dos recursos para gastar conforme planejado	235	38,15%
	Guardo e invisto parte de meus rendimentos	57	9,25%
	Tenho algum tipo de investimento em meu nome	23	3,73%
	Em branco	15	2,44%

Fonte: Dados da pesquisa.

O perfil dos alunos é composto por 51,95% (320 respondentes) do gênero feminino, 46,59% (287 respondentes) do gênero masculino. No tocante a idade dos alunos, apurou-se que a maior parte, 41,56% (256 respondentes), era de alunos com 17 anos.

No quesito estado civil dos alunos: 71,27% (439 respondentes) são solteiros; 0,49% (3 respondentes) são noivos; 1,95% (12 respondentes) são casados. Esse elevado índice de alunos solteiros afeta o nível de educação financeira, visto que uma pesquisa realizada pela multinacional Australia and New Zealand Banking Group Limited (Anz, 2003) destaca que os indivíduos solteiros são mais sensíveis a terem um nível de conhecimento financeiro baixo quando comparado aos indivíduos casados.

A análise dos dados permitiu verificar em qual ano do ensino médio os alunos estavam matriculados e em qual período do dia frequentavam as aulas. Em relação ao ano do ensino médio, 39,77% (245 respondentes) estavam no 3º ano do ensino médio, 26,70% (165 respondentes) no 2º ano do ensino médio e 33,44% (206 respondentes) no 1º ano do ensino médio. Como a maior parte dos alunos estava para concluir o ensino médio, logo, espera-se que eles gerenciem de forma consciente seus recursos, ou seja, os resultados deveriam apresentar um nível mais adequado de educação financeira. Em relação ao período de estudo, a maioria, 92,21% (568 respondentes), estuda no período matutino. Em relação à composição familiar dos respondentes 37,01% (228 respondentes) são compostas por cinco ou mais pessoas.

Tendo como base a renda média mensal familiar, 44,16% (272 respondentes) afirmam que recebem entre um e três salários mínimos, 22,24% (137 respondentes) que recebem entre três e cinco salários mínimos, 9,42% (58 respondentes) que recebem entre cinco e sete salários mínimos, 6,17% (38 respondentes) que recebem acima de sete salários. De acordo com Salleh (2015), famílias de baixa renda detêm um menor nível de educação financeira do que as famílias com renda mais elevada.

No que se refere aos ganhos financeiros dos alunos, apurou-se que: 50,65% (312 respondentes) não tem salário, mas recebem ajuda financeira da família (mesada); 18,02% (111 respondentes) não recebem salário e não recebem ajuda financeira da família (mesada); 13,96% (86 respondentes) tem salário e ajuda a família; 12,99% (80 respondentes) recebem salário.

Quanto à questão que indagou se os alunos recebem algum valor financeiro por parte da família, 44,32% (273 respondentes) deles recebem quando pedem, 26,79% (165 respondentes) não recebem nenhum valor.

Outro questionamento feito aos alunos foi em relação à forma como eles administram seus recursos financeiros. Do total da amostra, 38,15% (235 respondentes) argumentam que guardam parte dos recursos para gastar conforme planejado, 27,60% (170 respondentes) guardam dinheiro somente quando sobra, 18,83% (116 respondentes) guardam parte dos recursos, porém sem planos futuros, 9,25% (57 respondentes) guardam e investem parte dos rendimentos, 3,73% (23 respondentes) têm algum tipo de investimento.

No instrumento de coleta de dados, os alunos foram consultados sobre o grau de prioridades de gastos mensais e os resultados foram analisados por meio das médias das respostas, com a exclusão dos outliers. A Tabela 2 apresenta essas médias.

Tabela 2: Médias das prioridades dos alunos

	N	Mean	Std. Deviation
	Statistic	Statistic	Statistic
Presente	616	5,7524	3,28713
Computador	616	5,6830	3,49520
Eletrônicos	616	5,5374	3,55558
Livros	616	5,5089	3,65938
Celular	616	4,8373	3,17559
Lazer	616	4,4529	2,96762
Roupas	616	4,0220	2,64161
Gasto com a família	616	3,9399	3,07467
Estudo	616	3,7970	3,02721
Saúde	616	3,7191	2,66269
Alimentação	616	3,3100	2,62570
Valid N (listwise)	616		

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados da Tabela 2 indicam que presentes (5,6830), computadores (5,7524), eletrônicos (5,5374), livros (5,5089), e celulares (4,8373) foram apontados como os itens de principais prioridades de gastos mensais. Nota-se que os alunos tendem a priorizar mais os itens eletrônicos e a priorizar menos os gastos com estudos. Logo, no futuro, esses alunos podem ser menos poupadores, pelo fato de não priorizarem os estudos, o que poderia contribuir com a formação da educação financeira dos jovens respondentes.

Tabela 3: Assuntos mais conversados com a família

	N	Mean	Std. Deviation
	Statistic	Statistic	Statistic
Estudos e carreiras	616	34,45%	0,45397
Uso consciente	616	29,91%	0,41932
Consumismo	616	29,19%	0,41734
Investimento	616	22,18%	0,41254
Não converso	616	12,43%	0,33182
Valid N (listwise)	616		

Fonte: Dados da pesquisa.

Quando indagados sobre quais assuntos mais conversam com familiares, os alunos indicaram que os temas mais abordados são: estudos e carreiras (34,45%), uso consciente do dinheiro (29,91%) e consumismo (29,19%). O assunto investimento é o menos discutido, apenas 22,18% dos alunos indicaram essa opção, e 12,43% dos respondentes não conversam sobre nenhum dos assuntos apresentados no questionário. Tais resultados conferem com os de Gorla et al. (2016), que obtiveram índices semelhantes sobre estudos e carreiras (29,48%) e uso consciente do dinheiro (34,85%). Já em relação ao assunto consumismo (14,14%), o resultado da pesquisa de Gorla et al. (2016) é inferior, indicando que os alunos de Blumenau e região tendem a conversar menos sobre consumismo quando comparados aos alunos do interior dos estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo. Entretanto, esse resultado acaba sendo contraditório e passível de indagação, pois se os alunos conversam sobre consumismo, como explicar o alto nível de endividamento de parte dos jovens? Uma das justificativas para tal situação é a falta de educação financeira entre os jovens.

Somente o conhecimento não é o suficiente para uma atitude assertiva no que diz respeito à vida financeira, sendo mais uma ferramenta para ajudar a criar bons hábitos e atitudes para um consumo consciente, o que gera mais possibilidades de segurança e crescimento patrimonial. Sabendo que muitas famílias criam e replicam padrões de hábitos ao longo das gerações, é relevante dar importância em como esse conhecimento é passado e quais padrões e valores são perpetuados.

Segundo a pesquisa de Silva et al. (2012), quanto mais jovens, maior o nível de endividamento dos brasileiros. Talvez a dificuldade em manter as contas em equilíbrio se deva a instabilidade econômica pela qual o Brasil passou ao longo da história, pois foram nove trocas de moedas e um cenário de hiperinflação que gerou marcas em toda uma geração. As oscilações brutas diárias de preço eram constantes e geravam medo e incerteza na população, que acabava indo aos mercados para estocar alimentos, pois não se sabia o preço dos itens no dia seguinte (D'Aquino, 2008).

Esse período deixou diversas marcas na população. D'Aquino (2008) aborda duas consequências geradas nas pessoas que vivenciaram esse caos: as marcas da desconfiança em relação ao poder de compra, que acarreta em não saber lidar com impulso de comprar na hora; e a ausência de uma educação financeira sólida, que dobra a necessidade de esforços na hora de ensinar os filhos.

Visto todos precedentes e levando em consideração o nível de endividamento da população, faz-se necessário questionar sobre como o tema é abordado por ela e a importância de se ensinar educação financeira nas escolas. Alunos instruídos sobre o tema, levam o conhecimento para seus familiares, o que possibilita uma mudança em toda família e promove uma sociedade mais consciente de suas responsabilidades e possibilidades.

A Tabela 4 apresenta a relação de influência do aspecto gênero sobre a variável 'como decido o que fazer com meu dinheiro'. Quando comparado com as variáveis 'forma de administrar meus recursos financeiros', 'responsabilidade de apresentar relatórios financeiros aos pais', 'diálogo na hora de comprar um produto', 'com que frequência converso com meus pais sobre dinheiro', 'quais assuntos financeiros são mais questionados na família', 'como você considera seu nível de conhecimento financeiro', 'caso tenha conhecimento financeiro, como adquiriu', 'meu perfil financeiro' e 'como decido o que fazer com meu dinheiro' não houve significância.

Tabela 4: Variável influenciada pelo aspecto gênero

Variável	Gênero	N	Posto médio	Chi-Square	Df	Asymp. Sig.
Como decido o que fazer com meu dinheiro	Feminino	319	311,84	11,732	2	0,003
	Masculino	287	295,06			
	Não desejo identificar	4	549,5			

Total	610
-------	-----

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se, na Tabela 4, que o gênero feminino é predominante. Potrich, Vieira e Ceretta (2013) realizaram um trabalho sobre o nível de alfabetização dos estudantes e também encontraram que o gênero feminino é maior, porém o gênero masculino demonstrou ter melhor comportamento financeiro que o feminino. Segundo Calamato (2010), essa diferença entre gêneros faz parte do processo de socialização, uma vez que os homens tendem a ver o dinheiro como poder e acreditam que ter dinheiro vai torna-los mais desejáveis socialmente, enquanto que as mulheres parecem ter mais segurança em relação ao dinheiro.

Em relação a variável 'como decido o que fazer com meu dinheiro', Gorla et al. (2016) apontam que a maioria dos alunos decide o que vai fazer sozinho. Portanto, cabe à escola e aos pais intervirem na formação da educação financeira desses jovens, de modo a torna-los mais conscientes financeiramente.

A Tabela 5 apresenta os resultados da influência do ano do ensino médio dos alunos em relação as variáveis 'meu perfil financeiro' e 'responsabilidade de apresentar relatórios financeiros'.

Tabela 5: Variáveis influenciada pelo ano do ensino médio

Variável	Ano do ensino médio	N	Posto médio	Chi-Square	Df	Asymp. Sig
Meu perfil financeiro	1º ano	208	286,55	7,306	2	0,026
	2º ano	165	297,99			
	3º ano	238	328,55			
	Total	611				
Responsabilidade de apresentar relatórios financeiros	1º ano	208	273,06	17,454	2	0,000
	2º ano	165	299,94			
	3º ano	238	338,99			
	Total	611				

Fonte: Dados da pesquisa.

O ano em que o aluno está inserido tem influência nas responsabilidades da gestão financeiras e no seu perfil financeiro. Espera-se que quanto maior for o nível de escolaridade, melhor será o perfil financeiro e menor será a explicação sobre a utilização dos recursos. Quando relacionado a outras variáveis, o nível de escolaridade não apresentou relevância significativa.

No que tange ao perfil financeiro dos alunos e a responsabilidade de apresentar relatórios financeiros, os resultados desta pesquisa se aproxima aos do estudo de Gorla et al. (2016). Os achados indicam que os estudantes que cursam séries superiores do ensino médio possuem um perfil poupador e cauteloso, e os estudante do nível mais baixo do ensino médio apresentam perfil financeiro gastador. Sobre a 'responsabilidade de apresentar os relatórios financeiros', os resultados indicam que os alunos que estão nos anos finais do ensino médio não precisam explicar para os pais o que fazem com seus recursos.

A Tabela 6 demonstra que o período em que o aluno estuda tem influência sobre as variáveis 'como você considera seu nível de conhecimento financeiro' e 'como decido o que fazer com meu dinheiro'. Ressalta-se que a influência sobre as demais questões não foi considerada relevante.

Tabela 6: Variáveis influenciadas pelo período de estudo

Variável	Período	N	Posto médio	Chi-Square	Df	Asymp. Sig
----------	---------	---	-------------	------------	----	------------

Educação financeira: análise do conhecimento e atitudes financeiras na ótica dos estudantes do ensino médio

Como você considera seu nível de conhecimento financeiro	Matutino	567	304,42	9,759	2	0,008
	Vespertino	28	282,55			
	Noturno	18	426,28			
	Total	613				
Como decido o que fazer com meu dinheiro	Matutino	568	303,17	9,034	2	0,011
	Vespertino	28	394,13			
	Noturno	18	309,31			
	Total	614				

Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo Finimundi (2012), dentro de cada pessoa existe um relógio que regula os ciclos diários de alimentação, sono e humor, chamados de ciclos circadianos. São esses ciclos que definem as preferências dos indivíduos por dormir cedo e acordar cedo ou dormir tarde e acordar tarde, e que podem ou não conciliar com os horários impostos pelas atividades diárias como trabalho e escola. Tudo isso afeta de maneira distinta cada pessoa, há horas do dia em que o indivíduo está mais disposto a fazer determinada tarefa e isso varia de acordo com seu cronotipo (matutino/vespertino).

O estudo citado correlacionou grupos de alunos de ambos cronotipos (matutino/vespertino) com o turno escolar e o rendimento escolar e constatou que os alunos do ensino médio (15 aos 17 anos de idade) do turno matutino (que dormem cedo e acordam cedo mais dispostos) apresentam rendimento considerado significativamente superior desses alunos comparados aos dos alunos que estudam no período da tarde.

Tendo em vista os resultados apresentados na Tabela 7, nota-se que apenas as variáveis 'diálogo na hora de decidir uma compra' e 'como decido o que fazer com meu dinheiro' apresentaram significância em relação ao estado civil dos respondentes.

Tabela 7: Variáveis influenciadas pelo estado civil

Variável	Estado civil	N	Posto médio	Chi-Square	Df	Asymp. Sig.
Diálogo na hora de decidir uma compra	Solteiro	439	314,64	11,456	4	0,022
	Namorando	144	280,7			
	Noivo	3	316,33			
	Casado	12	187,29			
	Outros	8	271,88			
	Total	606				
Como decido o que fazer com meu dinheiro	Solteiro	439	297,45	10,064	4	0,039
	Namorando	144	316,66			
	Noivo	3	210			
	Casado	12	422,96			
	Outros	9	293,67			
	Total	607				

Fonte: Dados da pesquisa.

Como base em estudos anteriores que tiveram as mesmas variáveis afetada pelo estado civil, acredita-se que os indivíduos solteiros tenham menos conhecimento financeiro, logo, não ocorrerá o diálogo na hora de realizar uma compra e o costume é de tomar decisões sozinhos. Esses dados divergem em relação aos indivíduos que são noivos ou casados, pois, nesses casos, os dois dialogam na hora de decidir uma compra e decidem juntos o que fazer com o dinheiro.

Tais dados são similares aos da pesquisa de Disney e Gathergood (2011), na qual os resultados apontaram que as maiores pontuações de educação financeira são ligadas aos indivíduos propensos a se casar ou já casados. Anz (2003) afirma que o estado civil possui relação direta com o grau de alfabetização financeira, seus achados apontam que os indivíduos solteiros são mais propensos a ter níveis de conhecimento financeiro baixo quando comparados aos indivíduos casados. Essa diferença entre o estado civil pode ser observada no presente trabalho.

Os resultados da Tabela 8 indicam que a relação com os ganhos financeiros demonstrou sofrer influência com as variáveis: forma de administrar meus recursos financeiros; diálogo na hora de decidir uma compra; com que frequência converso com meus pais sobre dinheiro; consumismo e investimento, como os assuntos financeiros mais questionados; meu perfil financeiro; e como decido o que fazer com meu dinheiro. Todos com significância ao nível de 5%.

Tabela 8: Variáveis influenciadas ganhos financeiros

Variável	Ganhos financeiros	N	Posto médio	Chi-Square	Df	Asymp. Sig
Forma de administrar meus recursos financeiros	Tenho salário	80	325,38	18,719	5	0,002
	Tenho salário e ajuda financeiramente minha família	86	360,88			
	Guardo parte dos recursos para gastar conforme planejado	19	283,55			
	Mesmo tendo salário, recebo ajuda financeira da família	111	271,67			
	Não recebo salário e nem recebo ajuda financeira da família	310	295,35			
	Não recebo salário, mas recebo ajuda financeira da família	2	485			
	Total	608				
Diálogo na hora de decidir uma compra	Tenho salário	80	267,56	12,971	5	0,024
	Tenho salário e ajuda financeiramente minha família	86	294,46			
	Guardo parte dos recursos para gastar conforme planejado	19	355,29			
	Mesmo tendo salário, recebo ajuda financeira da família	111	343			
	Não recebo salário e nem recebo ajuda financeira da família	310	299,7			
	Não recebo salário, mas recebo ajuda financeira da família	2	337,75			
	Total	608				
Com que frequência converso com meus pais sobre dinheiro	Tenho salário	80	336,85	12,63	5	0,027
	Tenho salário e ajuda financeiramente minha família	86	318,37			
	Guardo parte dos recursos para gastar conforme planejado	19	293,76			
	Mesmo tendo salário, recebo ajuda financeira da família	111	256,95			
	Não recebo salário e nem recebo ajuda financeira da família	311	310,68			
	Não recebo salário, mas recebo ajuda financeira da família	2	346			
	Total	608				

Educação financeira: análise do conhecimento e atitudes financeiras na ótica dos estudantes do ensino médio

	Total	609				
	Tenho salário	80	290,2			
	Tenho salário e ajudo financeiramente minha família	86	285,16			
	Guardo parte dos recursos para gastar conforme planejado	19	362			
Assunto financeiro mais questionado: Consumismo	Mesmo tendo salário, recebo ajuda financeira da família	111	333,03	16,038	5	0,007
	Não recebo salário e nem recebo ajuda financeira da família	311	299,41			
	Não recebo salário, mas recebo ajuda financeira da família	2	522			
	Total	609				
	Tenho salário	80	334,66			
	Tenho salário e ajudo financeiramente minha família	86	320,94			
	Guardo parte dos recursos para gastar conforme planejado	19	319,63			
Assunto financeiro mais questionado: Investimento	Mesmo tendo salário, recebo ajuda financeira da família	111	283,39	11,066	5	0,05
	Não recebo salário e nem recebo ajuda financeira da família	311	299,23			
	Não recebo salário, mas recebo ajuda financeira da família	2	391,75			
	Total	609				
	Tenho salário	80	243,11			
	Tenho salário e ajudo financeiramente minha família	86	303,28			
	Guardar parte dos recursos para gastar conforme planejado	19	253,47			
Meu perfil financeiro	Mesmo tendo salário, recebo ajuda financeira da família	111	343,05	19,57	5	0,002
	Não recebo salário e nem recebo ajuda financeira da família	311	310,12			
	Não recebo salário, mas recebo ajuda financeira da família	2	435,5			
	Total	609				
	Tenho salário	80	262,93			
	Tenho salário e ajudo financeiramente minha família	86	327,67			
	Guardar parte dos recursos para gastar conforme planejado	19	284,87			
Como decido o que fazer com meu dinheiro	Mesmo tendo salário, recebo ajuda financeira da família	111	339,42	14,596	5	0,012
	Não recebo salário e nem recebo ajuda financeira da família	311	298,06			
	Não recebo salário, mas recebo ajuda financeira da família	2	373,25			
	Total	609				

Fontes: Dados da pesquisa.

Neste estudo, as variáveis 'forma de administrar meus recursos financeiros' e 'meu perfil financeiro' apresentam nível de significância de 0,002. Tal resultado mostra-se divergente do publicado por Gorla et al. (2016), que verificaram as mesmas variáveis e encontraram que a 'forma de administrar meus recursos financeiros' e o 'meu perfil financeiro' dos respondentes não apresentaram impacto sobre os ganhos financeiros.

Em relação ao 'diálogo na hora de decidir uma compra' e 'com que frequência converso com meus pais sobre dinheiro', por serem variáveis estatisticamente significativas, espera-se que os indivíduos que recebem salário deem suas opiniões e que elas sejam aceitas, e que eles dialoguem regularmente sobre seus recursos. Esse resultado corrobora com o dos autores Gorla et al. (2016), no qual identificou que o aluno que tem salário costuma dialogar com mais frequência com os pais sobre seus recursos.

No que tange os assuntos mais questionados com a família e 'como decido o que fazer com meu dinheiro', verificou-se significância nas variáveis. Tal resultado mostra-se congruente com o estudo realizado por Gorla et al. (2016), quando verificaram que o aluno ao ter salário possui maior probabilidade de conversar sobre assuntos financeiros, já aquele que não tem salário e nem recebem ajuda financeira da família (mesada), possui menor probabilidade de manter de modo costumeiro conversas sobre assuntos financeiros. Os autores encontraram também que os alunos com salário são propensos a questionar assuntos relacionados ao consumismo e possuem menor intensidade no questionamento de questões relacionadas a estudos e carreiras, e os que não tem salário, mas recebem ajuda da família, são propensos a falar sobre estudos e carreiras.

A questão da renda mensal familiar apresenta influência significativa em relação as variáveis: responsabilidade de apresentar relatórios financeiros; com que frequência converso com meus pais sobre dinheiro; nível de conhecimento; caso tenha conhecimento, como adquiriu? investimento e 'não costumo conversar' como os dois assuntos financeiros mais dialogados com familiares.

Tabela 9: Variáveis influenciadas pela renda média mensal familiar

Variável	Renda média mensal familiar	N	Posto médio	Chi-Square	Df	Asymp. Sig
Responsabilidade de apresentar relatórios financeiros	1 salário mínimo	94	255,79	11,392	5	0,044
	Entre 1 e 3 salários mínimos	272	315,34			
	Entre 3 e 5 salários mínimos	137	306,84			
	Entre 5 e 7 salários mínimos	58	293,2			
	Acima de 7 salários mínimos	38	299,13			
	Não respondeu	1	72,5			
	Total	600				
Com que frequência conversa com os pais sobre dinheiro	1 salário mínimo	94	278,38	10,68	5	0,058
	Entre 1 e 3 salários mínimos	272	292,89			
	Entre 3 e 5 salários mínimos	137	299,23			
	Entre 5 e 7 salários mínimos	58	361,71			
	Acima de 7 salários mínimos	38	317,93			
	Não respondeu	1	410,5			
	Total	600				
Assunto financeiro mais questionado: Investimento	1 salário mínimo	94	273,3	12,298	5	0,031
	Entre 1 e 3 salários mínimos	272	298,97			
	Entre 3 e 5 salários mínimos	137	300,69			
	Entre 5 e 7 salários mínimos	58	343,62			
	Acima de 7 salários mínimos	38	313,95			
	Não respondeu	1	235			
	Total	600				
	1 salário mínimo	94	311,79	9,475	5	0,092
	Entre 1 e 3 salários mínimos	272	307,08			

Educação financeira: análise do conhecimento e atitudes financeiras na ótica dos estudantes do ensino médio

Assunto financeiro mais questionado: Não costumo conversar	Entre 3 e 5 salários mínimos	137	292,42			
	Entre 5 e 7 salários mínimos	58	269,16			
	Acima de 7 salários mínimos	38	303,41			
	Não respondeu	1	264			
	Total	600				
Nível de conhecimento financeiro	1 salário mínimo	94	263,7			
	Entre 1 e 3 salários mínimos	271	293,29			
	Entre 3 e 5 salários mínimos	137	313,82			
	Entre 5 e 7 salários mínimos	58	332,25	12,652	5	0,027
	Acima de 7 salários mínimos	38	331,08			
	Não respondeu	1	587,5			
Total	599					
Caso tenha conhecimento financeiro, como o adquiriu?	1 salário mínimo	94	311,1			
	Entre 1 e 3 salários mínimos	272	316,87			
	Entre 3 e 5 salários mínimos	137	289,76			
	Entre 5 e 7 salários mínimos	58	257,41	11,022	5	0,051
	Acima de 7 salários mínimos	38	257,67			
	Não respondeu	1	450,5			
Total	600					

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados indicam que quanto maior a renda mensal familiar, maior será o conhecimento financeiro desses jovens. Assim como, quanto menor a renda, menor o nível de conhecimento financeiro do indivíduo. Essa premissa vai ao encontro dos resultados das pesquisas de Agarwalla, Barua, Jacob e Varma (2012), Atkinson e Messy (2012), Monticone (2010) e Gorla et al. (2016), que apontam que os baixos níveis de renda estão associados a baixos níveis de educação financeira e que os indivíduos de baixa renda tendem a enfrentar maiores dificuldades no acesso à educação financeira.

No que se refere à responsabilidade de apresentar relatórios financeiros para os pais, acredita-se que os jovens que possuem maiores rendas apresentam maiores níveis de educação financeira e, por isso, tendem a ter mais responsabilidade, visto que gastam conforme planejado. Tal afirmativa tem como base o estudo de Gorla et al. (2016), que apresentou a mesma significância.

Em relação ao diálogo com a família sobre assuntos financeiros, a variável investimento apresentou relevância, porém não se pode afirmar como essa significância interfere na renda. Estudos semelhantes, como o de Dal Magro et al. (2018), apresentam que o assunto que envolve investimentos (longo prazo) é pouco tratado, o que pode estar associado à baixa formação dos pais. Já os achados do estudo de Gorla et al. (2016) indicam que famílias com melhores rendas, tendem a discutir mais as questões relacionadas à investimentos com os estudantes.

Quanto à forma que os respondentes adquiriram conhecimentos financeiros, pressupõe-se que os estudantes com renda mais elevada adquirem conhecimentos financeiros com maior intensidade. Gorla et al. (2016) afirmam que os conhecimentos são adquiridos no trabalho, em cursos específicos e na prática do dia a dia.

Por fim, quando relacionado à questão 'recebo algum valor financeiro por parte da família', os resultados do teste de Kruskal-Wallis não apresentaram nenhuma significância com as variáveis que abordam os assuntos de educação financeira.

5 Considerações finais

Em um cenário como o do Brasil, que crises, trocas de moedas e oscilações bruscas na taxa de inflação marcaram uma geração e influenciaram na maneira como ela lida com o dinheiro, até mesmo pessoas com maiores níveis de instrução sofrem efeitos negativos da falta de educação financeira, tendendo a não conseguir pagar suas contas dentro dos prazos (D'Aquino, 2008; Manfredini, 2007). Os que conseguem saldar suas contas, muitas vezes se limitam a ter um equilíbrio financeiro consumindo tudo o que ganham, não poupando nem mesmo para um imprevisto (D'Aquino, 2008; Manfredini, 2007).

Levando em consideração que essa geração influenciou e muitas vezes transmitiu esse comportamento para seus filhos, de maneira consciente ou não, por meio de hábitos de consumo e comportamento, é de extrema relevância a abordagem do tema 'educação financeira' tanto por parte da família, quanto da escola, sendo essa parte essencial da educação e desenvolvimento de indivíduos autônomos e conscientes.

Os achados apontam, em relação ao ambiente familiar, nas variáveis que apresentam significância quanto ao diálogo sobre consumismo e investimento, os estudantes tendem a ter um baixo nível de educação financeira, visto, a propensão de que eles priorizem mais os itens eletrônicos e achem menos importante gastar com estudos. Logo, no futuro, esses alunos podem ser menos poupadores.

Foi verificada a significância da variável 'como decido o que fazer com meu dinheiro' em relação ao gênero, período escolar, estado civil e ganhos financeiros. No quesito 'meu perfil financeiro', a variável sofre influência do ano do ensino médio em que o aluno está inserido e do seu ganho financeiro. No que diz respeito à responsabilidade de apresentar relatório financeiro, a variável é significativa quando relacionada ao ano do ensino médio e à renda média familiar dos estudantes.

Por fim, as variáveis 'forma de administrar meus recursos' e a 'frequência que converso sobre dinheiro com meus pais' são relevantes quando relacionados aos ganhos financeiros e a renda média familiar dos estudantes. Vale salientar que os alunos têm adquirido conhecimento financeiro no trabalho, em cursos específicos, na prática do dia adia e não no ambiente escolar. O diálogo no ambiente familiar sobre assuntos financeiros é voltado à carreira, estudos e uso consciente dos recursos. No que diz respeito a variável diálogo, ela tem significância em relação ao estado civil do respondente e aos seus ganhos financeiros.

Os resultados desta pesquisa sugerem que há ausência de uma formação curricular. Diante disso, é evidente a importância do parecer do Conselho Nacional de Educação, homologado pelo MEC, que diz, as escolas devem estar adaptadas, já em 2020, para a implementação do ensino sobre finanças. De acordo com as determinações da Base Nacional Comum Curricular (2018), o ensino de finanças é de competência das instituições de ensino, passando a ser obrigatório a partir do ano de 2020, no ensino infantil e fundamental, com o intuito de formar adolescentes autônomos quanto ao assunto finanças.

Os achados da pesquisa contribuem para a tese já discutida nos estudos correlatos, da necessária inserção do tema educação financeira na estrutura curricular do ensino básico. Isso pode minimizar as consequências geradas pela falta de educação financeira, como endividamento, consumo exagerado. Outra contribuição do estudo é evidenciar para os municípios investigados o nível de entendimento dos estudantes quanto a temática, e visualizar a necessidade de investimento na discussão do tema.

A limitação desta pesquisa foi a negativa de algumas instituições em participar da pesquisa. Outro fato limitante é que a amostra é composta apenas por alunos presentes no dia da coleta de dados. Para pesquisas futuras é interessante investigar a diferença entre as variáveis gênero, estado civil e como os estudantes decidem o que fazer com o seu dinheiro, para analisar se esses jovens tomam atitudes sozinhos ou conversam com os pais e/ou companheiros ou se os pais decidem por eles. É importante correlacionar qual o perfil

financeiro dos alunos referente ao seu ano no ensino médio e suas responsabilidades de apresentar relatórios financeiros, já que na literatura, Potrich *et al.* (2015) e Silva, Silva, Vieira, Desiderati & Neves (2017) identificaram uma relação positiva entre nível de escolaridade e seu impacto direto no grau de educação financeira.

Referências

- Agarwalla, S. K., Barua, S., Jacob, J., & Varma, J. (2012). A survey of financial literacy among students, young employees and the retired in India. Ahmadabad: Indian Institute of Management Ahmadabad. Recuperado em 24 outubro, 2020, de <http://www.iimahd.ernet.in/fls/fls12/youngemployessandretired2012.pdf>
- Arancibia, F. (2012). Consumo sustentável: padrões de consumo da nova classe média brasileira. Dissertação de mestrado, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.
- Araújo, F., & Calife, F. (2014). A história não contada da educação financeira no Brasil. In J. R. R. Roque. (Org.). Otimização na recuperação de ativos financeiros (Vol. 4). São Paulo: IBeGI.
- Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (2020). Brasileiros entraram na crise causada pela pandemia sem reserva financeira. São Paulo: Anbima, 2020. Recuperado em 3 setembro, 2020, de https://www.anbima.com.br/pt_br/imprensa/brasileiros-entraram-na-crise-causada-pela-pandemia-sem-reserva-financeira-8A2AB29072EE086B0173069DCCC7344D.htm
- Atkinson, A., & Messy, F. (2012). Measuring financial literacy: results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) pilot study. OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, (15). doi: <https://doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en>
- Australia and New Zealand Banking Group Limited (2003). ANZ Survey of adult financial literacy in Australia. Melbourne: ANZ. Recuperado em 10 outubro, 2020, de <https://financialcapability.gov.au/media/465156/anz-survey-of-adult-financial-literacy-2013.pdf>
- Base Nacional Comum Curricular (2018). Ensino médio. Brasília, DF: Ministério da Educação. Versão entregue ao CNE em 3 de abril de 2018. Recuperado em 4 abril, 2020, de http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf
- Beiguelman, B. (1996). Curso de bioestatística básica (4a ed.). Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética.
- Calamato, M. P. (2010). Learning financial literacy in the family. Dissertação de mestrado, Department of Sociology, San José State University, San José, California, United States of America.
- Caproni, I. (2013). A importância da educação financeira na formação do educando. Revista pedagogia em foco, 8, 48-55.
- Cerbasi, G. (2015). Como organizar sua vida financeira. Rio de Janeiro: Sextante.
- Claudino, L. P., Nunes, M. B., Oliveira, A. R., & Campos, O. V. (2009). Educação financeira e endividamento: um estudo de caso com servidores de uma instituição pública. Anais do Congresso Brasileiro de Custos, Fortaleza, Brasil, 16.
- Clayton, M., Zegarra, J., & Wilson, J. (2015). Does debt affect health? Cross country evidence on the debt-health nexus. Social Science and Medicine, 130, 51-58. doi: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.02.002>
- D'Aquino, C. (2008). Educação financeira: como educar seus filhos. Rio de Janeiro: Elsevier.

- Dal magro, C. B., Gorla, M. C., Silva, T. P., & Hein, N. (2018). O efeito da família no comportamento financeiro de adolescentes em escolas públicas. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 12, e142534. doi: 10.11606/issn.1982-6486.rco.2018.142534
- Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm
- Disney, R., & Gathergood, J. (2011). Financial literacy and indebtedness: new evidence for UK consumers. *Econ Papers*, 1-39. Recuperado em 24 outubro, 2020, de http://econpapers.repec.org/paper/notnotcfc/11_2f05.htm
- Finimundi, M. (2012). A relação entre o ritmo circadiano/rendimento escolar/turno escolar de estudantes de escolas públicas do município de Farroupilhas/RS. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Gathergood, J. (2012). Debt and depression: Causal links and social norm effects. *The Economic Journal*, 122(563), 1094-1114. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1468-0297.2012.02519.x>
- Gorla, M. C., Dal Magro, C. B., Silva, T. P., & Nakamura, W. T. (2016). A Educação financeira dos estudantes do ensino médio de rede pública segundo aspectos individuais, demográficos e de socialização. *Anais do Congresso de Controladoria e Contabilidade*, São Paulo, Brasil, 16.
- Greenspan, A. (2005). The importance of financial education today. *Social Education*, 69(2), 64.
- Hung, A., Parker, A., & Yoong, J. (2009). Defining and measuring financial literacy. RAND Labor and Population, working paper WR-708, 1-28.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2019). Relatório Brasil no PISA 2018. Versão preliminar. Brasília, DF: Inep. Recuperado em 13 setembro, 2020, de http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf
- Jakitas, R. (2019, maio 6). Quase 40% dos jovens já tiveram ou têm o nome sujo. *Estadão.com.br*, São Paulo. Recuperado em 12 novembro, 2020, de <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,quase-40-dos-jovens-ja-tiveram-ou-tem-o-nome-sujo,70002817090>
- Kern, D. T. B. (2009). Uma reflexão sobre a importância de inclusão de educação financeira na escola pública. Dissertação de mestrado, Curso de Ensino de Ciências Exatas, Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, Brasil.
- Kiyosaki, R. T., & Lechter, S. L. (2000). *Pai rico, pai pobre: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro* (36a ed.). Rio de Janeiro: Campus.
- Koh, E. T., & Owen, W. L. (2000). *Introduction to nutrition and health research*. New York: Springer.
- Leitão, M. (2011) *Saga brasileira: a longa luta de um povo por sua moeda* (2a ed., e-book). Rio de Janeiro: Record.
- Lucci, C., Zerrenner, S., Verrone, M., & Santos, S. (2006). A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. *Anais do Seminário em Administração*, São Paulo, Brasil, 9.
- Lusardi, A., Mitchell, O. S., & Curto, V. (2010). Financial literacy among the young. *The Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 358-380. doi: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01173.x>
- Manfredini, A. M. N. (2007). *Pais e filhos: um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição*. 2007. Dissertação de mestrado, Curso de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, Brasil.
- Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o spss statistics* (7a ed.). São Paulo: Report Number.

- Martins, J. P. (2004). Educação financeira ao alcance de todos. São Paulo: Editora fundamental educacional.
- Melo, J. M., & Moreira, C. S. (2020). Educação financeira: estudo comparado entre discentes de Ciências Contábeis, Administração e Direito. Anais do USP International Conference in Accounting, São Paulo, Brasil, 20.
- Ministério da Educação (2018). Ensino de educação financeira é importante para desenvolvimento de crianças e adolescentes. Brasília, DF: Ministério da Educação. Recuperado em 20 maio, 2020, de <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/58211-ensino-de-educacao-financieira-e-importante-para-desenvolvimento-de-criancas-e-adolescentes>
- Monticone, C. (2010). How much does wealth matter in the acquisition of financial literacy? *The Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 403-422. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01175.x>
- Obando, M. (2019, outubro 22). Educação de MS fica entre as dez melhores do País em ranking de competitividade. Portal do Governo de Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Recuperado em 12 novembro, 2020, de <http://www.ms.gov.br/educacao-de-ms-fica-entre-os-dez-melhores-do-pais-em-ranking-de-competitividade/>
- Oreiro, J. L. da C. (2020). A macroeconomia depois da pandemia de coronavírus: como compatibilizar a retomada do crescimento com a sustentabilidade da dívida pública no médio e longo prazo? [Página da web]. Recuperado em 21 setembro, 2020, de [researchgate.net/publication/340805052_A_Macroeconomia_Depois_da_Pandemia_de_Coronavirus_Como_compatibilizar_a_retomada_do_crescimento_com_a_sustentabilidade_da_divida_publica_no_medio_e_longo_prazo](https://www.researchgate.net/publication/340805052_A_Macroeconomia_Depois_da_Pandemia_de_Coronavirus_Como_compatibilizar_a_retomada_do_crescimento_com_a_sustentabilidade_da_divida_publica_no_medio_e_longo_prazo)
- Organisation for Economic Co-operation and Development (2016). Programme for international student assessment (PISA): results from Pisa 2015 – Brasil. Paris: OECD. Recuperado em 13 setembro, 2020, de <https://www.oecd.org/pisa/PISA-2015-Brazil-PRT.pdf>
- Organisation for Economic Co-operation and Development (2005, julho). Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness. Paris: OECD. Recuperado em 22 abril, 2020, de <https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/35108560.pdf>
- Pereira, D. H., Feitosa, F. M., Silvério, M. R., & Sousa, R. C. de (2009). Educação financeira infantil e seu impacto no consumo consciente. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, Curso de Administração, Faculdade Integradas Campos Salles, São Paulo, Brasil.
- Pinto, M. de R., & Lara, J. E. (2011). As experiências de consumo na perspectiva da teoria da cultura do consumo: identificando possíveis interlocuções e propondo uma agenda de pesquisa. *Cad. EBAPE.BR*, 9(1), 37-56.
- Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Ceretta, P. S. (2013). Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante? *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 12(3), 315-334.
- Potrich, A., Vieira, K., & Kirch, G. (2015). Determinantes da alfabetização financeira: análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. *Revista de Contabilidade & Finanças*, 26(69), 362-377. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1808-057x201501040>
- Salleh, A. M. H. A. P. M. (2015). A comparison on financial literacy between welfare recipients and non-welfare recipients in Brunei. *International Journal of Social Economics*, 42(7), 598-613. doi: <https://doi.org/10.1108/IJSE-09-2013-0210>
- Savoia, J. R., Saito, A., & Santana, F. (2007). Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração Pública*, 41(6), 1121-1141.
- Serviço de Proteção ao Crédito (2015). Impactos do endividamento no estado emocional do brasileiro. Recuperado em 27 abril, 2020, de https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/analise_perfil_do_inadimplente_sentimentos.pdf

- Silva, G. O., Silva, A. C. M., Vieira, P. R. C., Desiderati, M. C., & Neves, M. B. E. D. (2017). Alfabetização financeira versus educação financeira: um estudo do comportamento de variáveis socioeconômicas e demográficas. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, 7(3), 279-298.
- Silva, L., Vieira, V., & Faia, V. (2012). Fatores determinantes do endividamento e da inadimplência associados à propensão de falência da pessoa física. *Análise: a revista acadêmica da FACE*, 23(3), 207-221.
- Silva, M. A. da, Leal, E. A., & Araújo, T. S. (2018). Habilidades matemáticas e o conhecimento financeiro no ensino médio. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 12, e147269, 2018. doi: 10.11606/issn.1982-6486.rco.2018.147269
- Simeao, J. A., Santos, S. C. dos, & Ferreira, M. M. (2011). Educação Financeira nas Escolas: um estudo nas escolas públicas do ensino médio do município de Juranda/PR. *Anais do Encontro de Produção Científica e Tecnológica, Campo Mourão, PR, Brasil*, 6.
- Teixeira, A. de O., Wunderlich, A. N. H., Santos, F. de C. dos, & Ferreira, R. T. L. (2010). Vantagens e desvantagens da implantação da disciplina educação financeira nas escolas de ensino médio na cidade de Pinhais - PR. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, Curso de Administração, Departamento de Administração, Faculdades de Pinhais, Pinhais, PR, Brasil.
- Vieira, K. M., Paraboni, A. L., Campara, J. P., Potrich, A. C. G., & Kunkel, F. I. R. (2014). O uso do cartão de crédito por universitários: análise do perfil, da compra compulsiva e do conhecimento financeiro. *Revista Estudo & Debate*, 21(2), 100-122.

DADOS DOS AUTORES

Patrick da Silva Sobianek

Graduado em Ciências Contábeis pela universidade federal de Mato Grosso do Sul- campus Três Lagoas
E-mail: patricksobianek@gmail.com
Telefone: (67) 98412-8145

Larissa Vaz de costa barrocas

Graduanda em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- campus Três Lagoas
E-mail: laarisvaz@gmail.com
Telefone: (67)99151-5554

Tamires Sousa Araújo

Doutora em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Uberlândia.
Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Três Lagoas, Lagoas.
Endereço: Avenida Ranulpho Marques Leal, 3484 / CEP 79613-000 / Cx Postal nº210 Três Lagoas/MS
E-mail: tamires.sousa@ufms.br
Telefone: (34)99686-0229

Silvio Paula Ribeiro

Doutor em Ciências Contábeis pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Professor da UFMS Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas
Endereço Rodovia Marechal Rondon, km 667, casa 12, quadra 2, Residencial Encontro das Águas, Castilho, SP
E-mail: spribeiro@hotmail.com

Sirlei Tonello Tisott

Doutora em Agronegócio pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Endereço: Avenida Ranulpho Marques Leal, 3484 / CEP 79613-000 / Cx Postal nº210 Três Lagoas/MS

E-mail: sirlei.tonello@yahoo.com.br

Telefone: (67) 9 9996 9517

Contribuição dos Autores:

Contribuição	Patrick	Larissa	Tamires	Silvio	Sirlei
1. Concepção do assunto e tema da pesquisa			✓		
2. Definição do problema de pesquisa			✓		
3. Desenvolvimento das hipóteses e constructos da pesquisa (trabalhos teórico-empíricos)				✓	
4. Desenvolvimento das proposições teóricas (trabalhos teóricos os ensaios teóricos)	✓	✓			
5. Desenvolvimento da plataforma teórica	✓	✓			
6. Delineamento dos procedimentos metodológicos	✓	✓			
7. Processo de coleta de dados	✓	✓			
8. Análises estatísticas			✓	✓	
9. Análises e interpretações dos dados coletados	✓	✓			
10. Considerações finais ou conclusões da pesquisa	✓	✓			
11. Revisão crítica do manuscrito			✓		✓
12. Redação do manuscrito	✓	✓			